



# GILES MILTON

Autor de *Xeque-Mate em Berlim* e *A Guerra Suja de Churchill*

# DIA D

## A História dos Soldados

«Vívido, gráfico e comovente.»

LIVRO DO ANO — *The Mail on Sunday*

v o g a i s

*A todos os que combateram*

# ÍNDICE

<i>Prefácio</i> .....	15
<i>Mapas</i> .....	22
Prólogo .....	29

## PARTE I: Conhece o Teu Inimigo

1. Atrás das Linhas Inimigas .....	37
2. A Muralha do Atlântico .....	53
3. O Boletim Meteorológico .....	65
4. Decifrar Códigos .....	83

## PARTE II: Meia-Noite

5. A Hora da Meia-Noite .....	103
6. No Quartel-General Alemão .....	123
7. Aterrar ao Luar .....	141

## PARTE III: A Noite

8. Sainte-Mère-Église .....	161
9. Assalto Noturno .....	179
10. Primeira Luz .....	203

#### PARTE IV: Alvorada

11. Na Praia Utah . . . . .	221
12. Em Águas Costeiras. . . . .	247
13. Omaha . . . . .	265
14. Easy Red . . . . .	281

#### PARTE V: Testa de Ponte

15. Gold . . . . .	295
16. Juno . . . . .	313
17. Armas no Topo do Penhasco . . . . .	329
18. O Sacana Maluco . . . . .	345

#### PARTE VI: Em Direção ao Meio-Dia

19. Impasse na Praia Omaha . . . . .	365
20. Fendas na Muralha . . . . .	381
21. Corrida até à Ponte . . . . .	395

#### PARTE VII: Tarde

22. O Bombardeamento de Caen . . . . .	409
23. Contra-ataque . . . . .	425
24. Vitória na Praia Omaha. . . . .	443

#### PARTE VIII: Ganhar ou Perder

25. Combate na Fronteira . . . . .	459
26. Ofensiva Panzer. . . . .	473
27. Crepúsculo . . . . .	489
28. Noite. . . . .	501

Posfácio. . . . .	513
-------------------	-----

<i>Agradecimentos</i> .....	517
<i>Fontes Fotográficas</i> .....	523
<i>Notas e Fontes</i> .....	525
<i>Bibliografia</i> .....	557
<i>Índice Remissivo</i> .....	565

«Quero contar-vos o que a abertura da segunda frente implicou, para que possam saber e apreciar e ficar para sempre humildemente gratos àqueles, tanto mortos como vivos, que o fizeram em vosso nome.»

ERNIE PYLE,  
correspondente de guerra

## PREFÁCIO

A libertação da Europa ocupada era o objetivo dos Aliados desde a evacuação de Dunquerque em maio de 1940, quando 330 mil tropas sitiadas foram salvas do avanço da Wehrmacht. Todavia, os primeiros anos da guerra haviam trazido aos Aliados uma tal série de derrotas esmagadoras que qualquer discussão de uma ofensiva através do Canal da Mancha não passava de uma ilusão. Embora Hitler tivesse cancelado a sua invasão planeada da Grã-Bretanha no outono de 1940, as suas forças no Norte de África e na Rússia somavam vitória atrás de vitória.

No inverno de 1942 a maré começaria a virar. Na Rússia, as forças alemãs foram encurraladas em Estalinegrado e acabariam por se render — uma derrota humilhante para a Wehrmacht. No Norte de África, o Oitavo Exército britânico batera o inimigo em El Alamein. E no teatro do Pacífico, os americanos — que tinham entrado na guerra depois do ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941 — estavam a obter ganhos significativos.

A maré estava também a virar no Atlântico Norte, onde os submarinos alemães estavam a ser alvo, com sucesso, de comboios atlânticos fortemente armados. No final da primavera de 1943, o almirante Karl Dönitz admitiria ter «perdido a Batalha do Atlântico»<sup>1</sup>. Foi uma derrota dispendiosa, pois permitiu que grandes números de tropas e abastecimentos americanos chegassem à Grã-Bretanha.

Na Conferência de Casablanca em janeiro desse ano, o presidente Franklin Roosevelt convencera um relutante Winston Churchill a criar um novo Estado-Maior de planeamento aliado: o seu papel seria preparar uma invasão da França ocupada. O cargo principal coube ao tenente-general Frederick Morgan, que recebeu nove palavras de instruções: «Derrotar as forças combatentes alemãs no noroeste da Europa.»<sup>2</sup>

A decisão formal de avançar com esta invasão pelo Canal da Mancha foi tomada por Churchill e Roosevelt na Conferência Tridente, na primavera de 1943, altura em que o pessoal de Morgan já tinha crescido exponencialmente. Mas foi apenas no mês de dezembro que o general Dwight Eisenhower foi nomeado Supremo Comandante Aliado, com o general Bernard Montgomery como comandante do 21.º Grupo do Exército, abrangendo todas as forças terrestres reservadas para a invasão. A organização até aí liderada por Morgan recebeu um novo nome: daí em diante, seria conhecida como SHAEF — Quartel-General Supremo da Força Expedicionária Aliada\*, com a sua sede na Norfolk House, em Londres. Em março de 1944 foi transferida para Bushy Park, na zona ocidental de Londres, com uma sede avançada na Southwick House, em Portsmouth. O pessoal de Eisenhower ultrapassava as novecentas pessoas.

Morgan previra um desembarque anfíbio de três divisões. As tropas aliadas atacariam as praias em suaves socacos da Normandia, onde as defesas costeiras eram mais fracas do que no Pas de Calais. Mas Eisenhower e Montgomery achavam, ambos, que os números de tropas de Morgan eram demasiado pequenos; acrescentaram mais duas divisões à invasão planeada — agora com o nome de código Operação Overlord —, bem como uma forte componente aerotransportada. Também expandiram a zona de desembarque para cobrir quase 100 quilómetros de costa da Normandia, estendendo-se de Sainte-Mère-Église a Lion-sur-Mer.

---

\* Supreme Headquarters Allied Expeditionary Force.



Cerca de 156 mil soldados atacariam cinco praias no Dia D: Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword. As primeiras duas foram atribuídas aos americanos, Juno aos canadianos e as outras duas aos britânicos.

O objetivo da invasão era ambicioso: uma testa de ponte praticamente contígua estendendo-se por grande parte da costa da Normandia, com uma única pequena lacuna entre as praias Utah e Omaha. Estender-se-ia 24 quilômetros para o interior e incluiria as cidades de Caen e Bayeux.

O imperativo era garantir a zona de desembarque costeira. Primeiro, haveria um bombardeamento aéreo intenso antes da alvorada, para obliterar as defesas costeiras alemãs. Seria seguido por um ataque naval com grandes canhões, com navios de morteiros mais pequenos a fornecer poder de fogo adicional. Em seguida, um exército de tanques anfíbios emergiria do mar e destruiria quaisquer canhões restantes. Seguir-se-iam tanques especializados, juntamente com *bulldozers* blindados. Então, uma vez abertas passagens através dos destroços na praia às primeiras horas do primeiro dia, desembarcariam grandes quantidades de tropas de infantaria, seguidas por milhares de toneladas de abastecimentos.

Era um desafio logístico sem precedentes. O número de tropas americanas estacionadas em Inglaterra elevava-se a 1,5 milhões na primavera de 1944, num total de vinte divisões completas. Havia igualmente catorze divisões britânicas, três canadianas, uma francesa e uma polaca. Estas tropas necessitavam de milhares de jipes e veículos blindados, sem falar de peças de artilharia, obuses e munições. No Dia D propriamente dito, 73 mil tropas americanas desembarcariam na Normandia, ao lado de 62 mil britânicas e 21 mil canadianas.

O sigilo e o logro teriam uma importância primordial no sucesso da operação: os Aliados pretendiam levar os alemães a pensar que desembarcariam no Pas de Calais. Para esse efeito, levaram a cabo a Operação Fortitude, completa com exércitos de campo fantasma, tráfego de sinais falso e o uso brilhante de agentes duplos trabalhando ao abrigo do Sistema de Agente Duplo,

através do qual espíões nazis capturados transmitiam informações falsas para a Alemanha.

O ataque dos comandos a Dieppe (agosto de 1942), a invasão da Sicília (julho de 1943) e os desembarques em Itália dois meses mais tarde deram uma ideia dos perigos que se seguiriam. Os desembarques anfíbios em Salerno enfrentaram uma resistência obstinada dos *panzers* alemães, enquanto os de Anzio estiveram muito perto do desastre. E, contudo, a Operação Overlord erguia-se a uma escala muito mais ambiciosa. Embora o bombardeamento aéreo das defesas costeiras alemãs fosse um elemento-chave, não era de todo certo que um bombardeamento de saturação destruísse os *bunkers* costeiros.

Uma preocupação adicional era a falta de experiência das forças aliadas em combate: muitos jovens recrutas ainda não tinham sido testados no campo de batalha e necessitariam de liderança por parte de unidades que já tinham estado em ação. Contudo, faltava muitas vezes, mesmo às tropas mais experientes, o espírito de luta dos alemães. Em praticamente todos os combates anteriores com o inimigo — e sempre que os Aliados haviam lutado em igualdade de números —, a Wehrmacht derrotara-os.

As forças aliadas estavam a enfrentar a extraordinária máquina militar alemã. Apesar das derrotas que estavam a sofrer na Frente Oriental, os seus soldados demonstravam uma bravura extraordinária. O seu espírito de luta era sustentado por armamento soberbo. Os tanques *Panther* e *Tiger* da Wehrmacht combinavam poder e força: os *Cromwell* britânicos e os *Sherman* americanos, de blindagem ligeira, não estavam à sua altura. Nem o armamento da infantaria aliada era tão eficiente como o seu equivalente alemão. A metralhadora MG42 da Wehrmacht disparava mil e duzentas balas por minuto; a metralhadora ligeira Bren dos Aliados, menos de metade desse número.

O exército de Hitler em França e nos Países Baixos consistia em cinquenta divisões — cerca de 850 mil homens — com o 15.º Exército a defender o Pas de Calais e o 7.º Exército a defender

a Normandia. Conjuntamente, formavam o Grupo B do Exército, comandado pelo marechal de campo Erwin Rommel.

Rommel discordava do seu superior, o marechal de campo Gerd von Rundstedt (comandante-chefe a Ocidente), quanto ao melhor modo de derrotar a prevista invasão aliada. Von Rundstedt achava impossível impedir os desembarques costeiros e defendia que as divisões blindadas alemãs deveriam manter-se no interior, em prontidão para um contra-ataque. A sua ideia era rodear o avanço das forças aliadas com um movimento de pinça blindada.

Mas Rommel queria ver as forças aliadas derrotadas imediatamente, ainda nas praias. Para esse efeito, em janeiro de 1944 embarcara num programa de fortalecimento das defesas costeiras, reforçando os *bunkers* de betão, colocando obstáculos antitanque nas praias e campos de minas subaquáticas nos bancos de areia costeiros. Em junho desse ano, tinham sido colocadas cerca de seis milhões de minas.

Como defesa adicional, os potenciais campos de aterragem tinham sido cravejados de postes inclinados para impedir que planadores pousassem, enquanto os prados costeiros baixos tinham sido inundados para travar o movimento das tropas aliadas. Esta linha de frente assim fortalecida, a chamada Muralha do Atlântico, representava um obstáculo significativo para a invasão aliada.

A defesa alemã dos céus sobre a Normandia foi confiada à Luftflotte 3. Era uma força terrivelmente mal equipada que tinha perdido muitos dos seus aviões para a Força Aérea Interna, encarregada de defender o norte da Alemanha. Embora houvesse alguns notórios ases da aviação na Luftflotte 3, eles dariam por si a enfrentar uma força aliada esmagadoramente superior que reunia mais de onze mil e quinhentos aviões. Estes aviões aliados enfrentavam um perigo muito maior das armas antiaéreas no solo — parte essencial da Muralha do Atlântico — do que da Luftflotte 3.

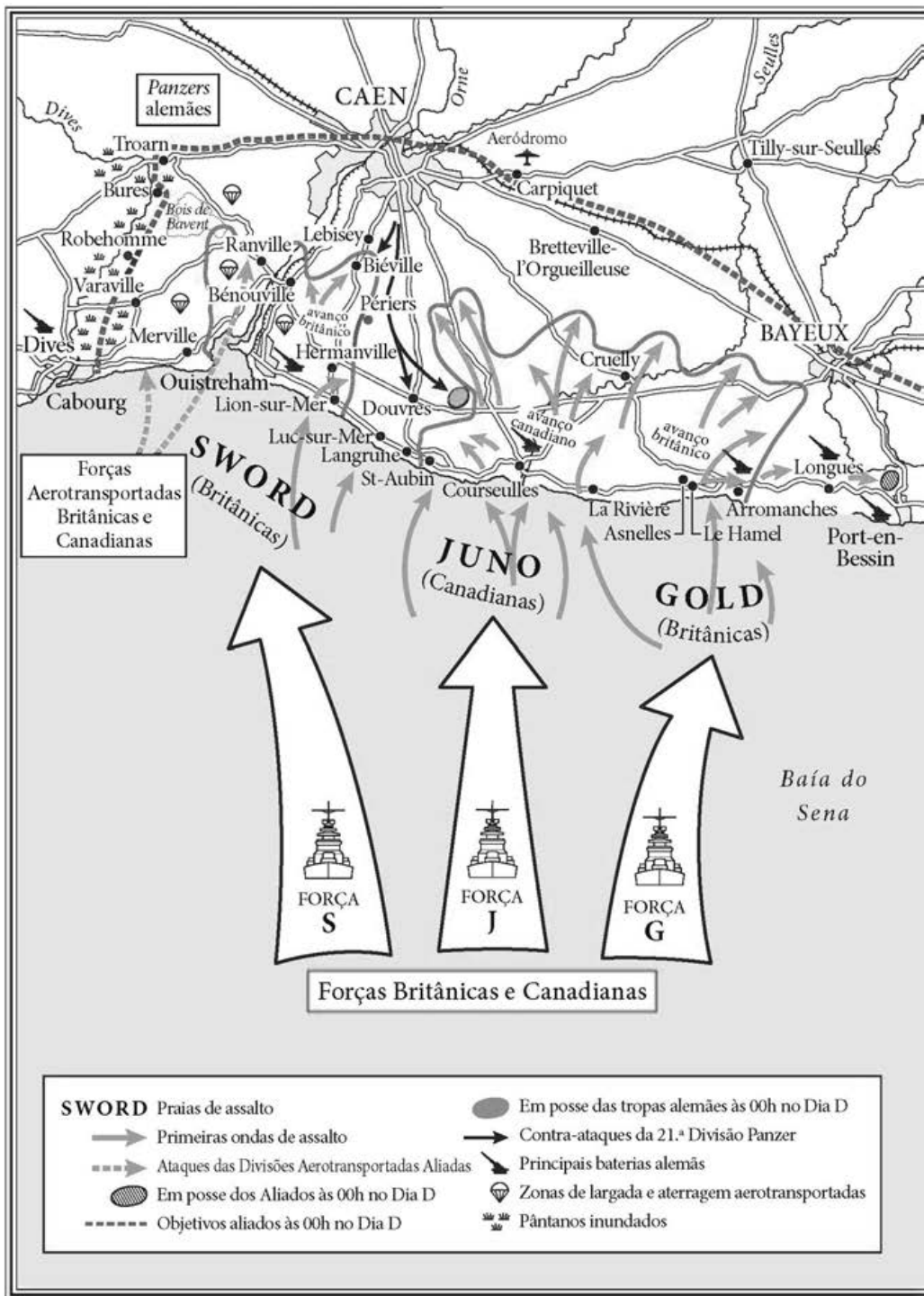
Alguns do trabalho de construção costeira fora levado a cabo por trabalhadores forçados franceses, numa das muitas humilhações suportadas pela população civil da Normandia. Desde a ocupação

alemã em 1940, os franceses tinham sofrido uma série de afrontas. Uma resistência embrionária rapidamente surgiu por toda a França e, em 1944, a secção do Calvados da Organisation civile et militaire, trabalhando ao longo da costa da Normandia, recolhia informação sobre as defesas alemãs, que fazia chegar ao SHAEF.

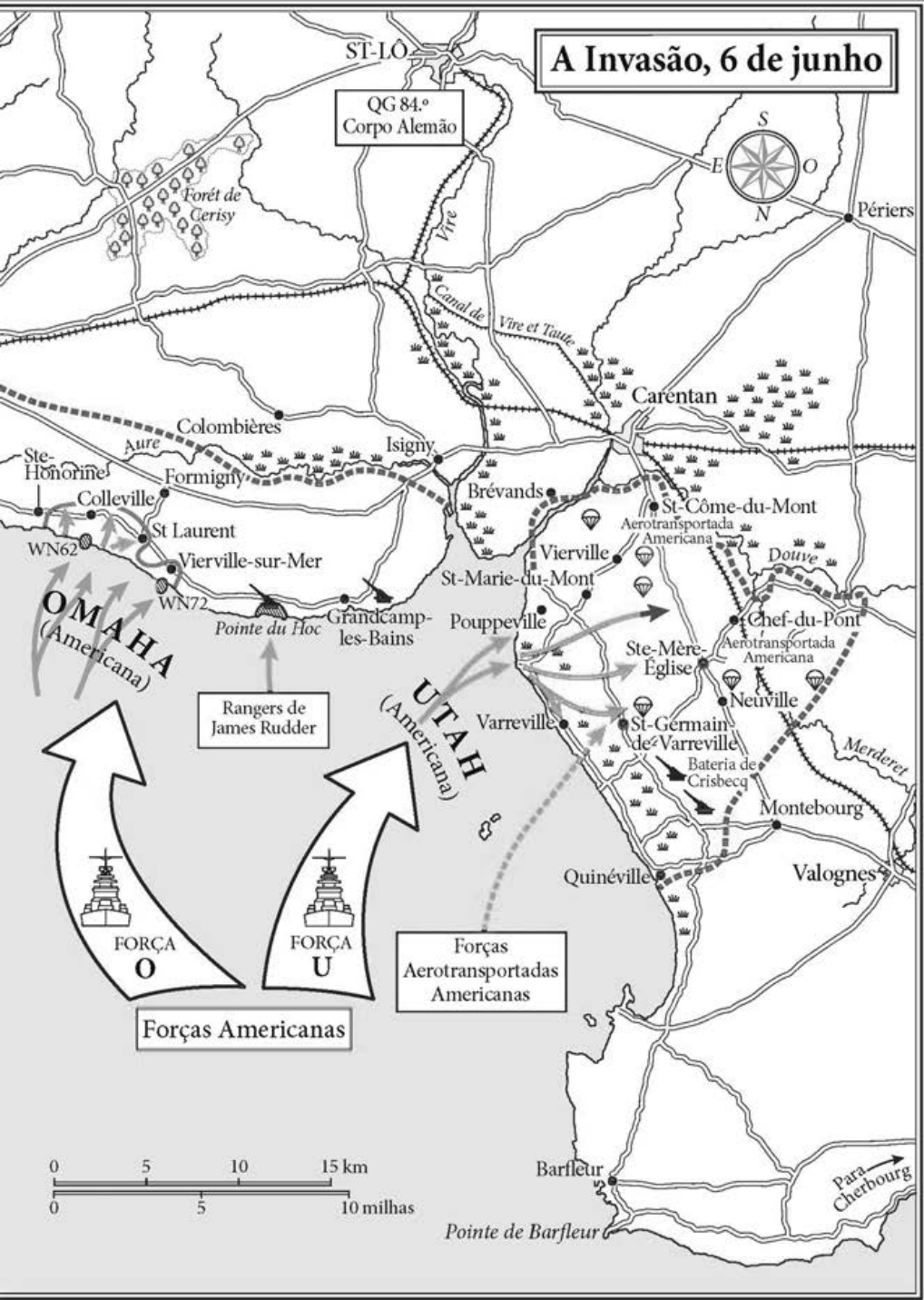
A resistência francesa também recebera armamento e explosivos largados de paraquedas. O plano consistia na entrada em ação de sabotadores nas horas antes da invasão, destruindo pontes, caminhos de ferro e postes telefónicos chave.

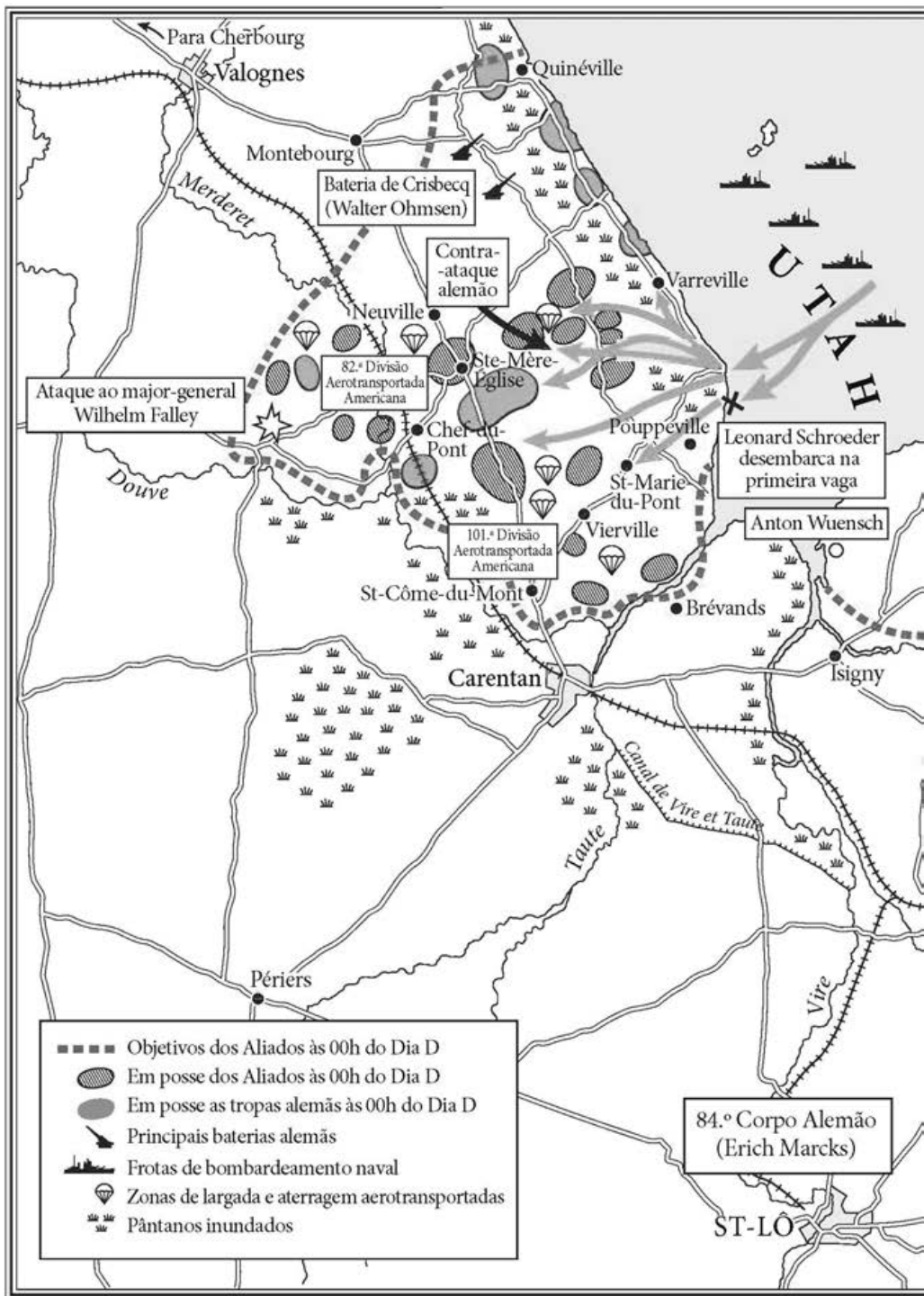
Os desembarques aliados na Normandia estavam originalmente planeados para 1 de maio de 1944, mas dificuldades logísticas levaram-nos a ser adiados um mês. Em junho, tudo estava a postos. Só uma coisa tinha a capacidade de interferir na invasão, e isso era o terrível clima inglês.





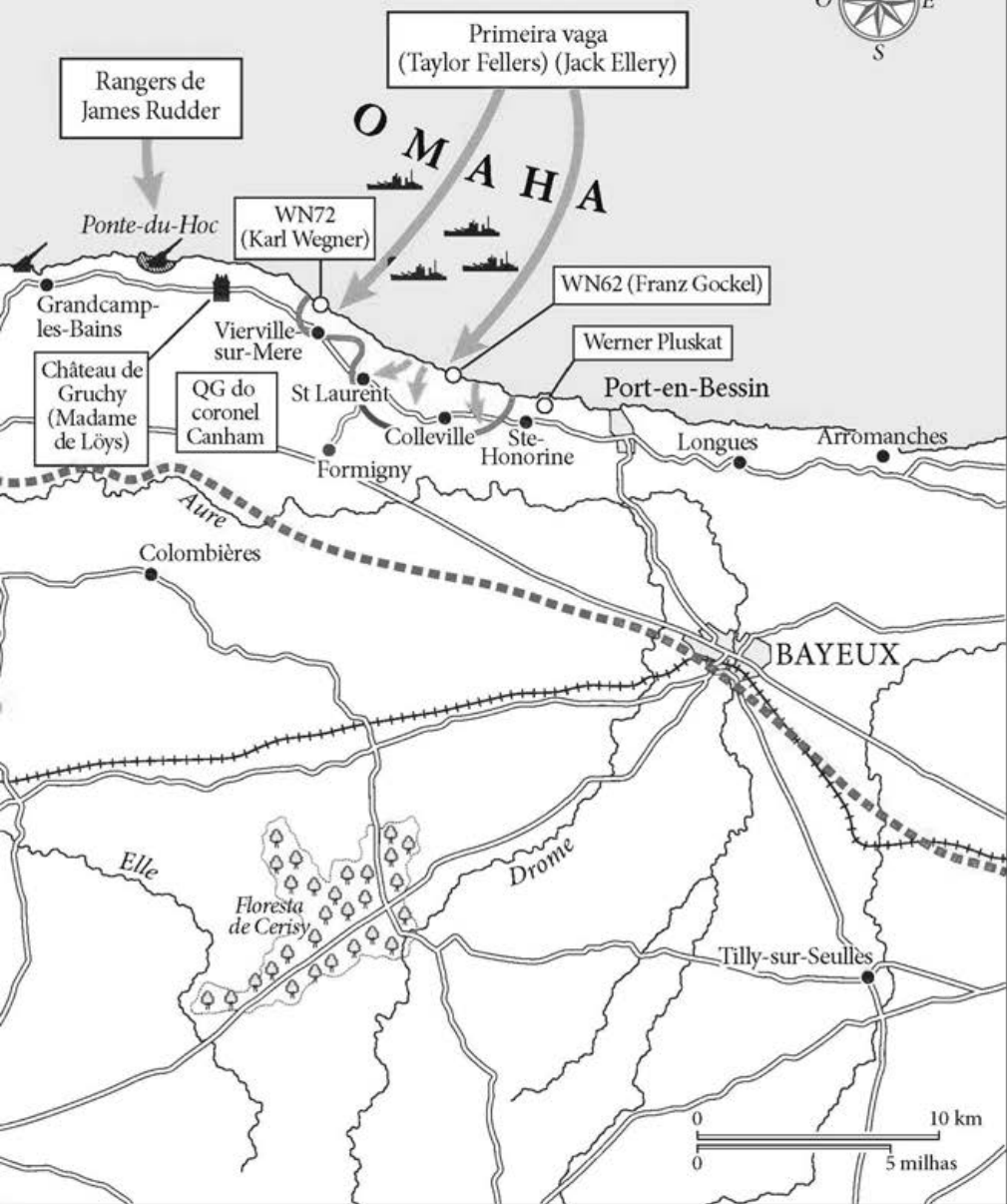
# A Invasão, 6 de junho







# As Praias Americanas





47.º Royal Marine Commando  
(Donald Gardner)

Tropas britânicas  
incluem Stanley Hollis

Primeira vaga  
canadiana (Charles  
& Elliot Dalton)

**GOLD**

**JUNO**

Port-en-Bessin

Longues

Le Hamel

Arromanches

Asnelles

La Rivière

Bernières-sur-Mer

St-Aubin

47 RM  
Cmdos

Avanço britânico

Avanço canadiano

Cdn  
8 Bde

BAYEUX

Seulles

Creully

Esquay-sur-Seulles

Rucqueville

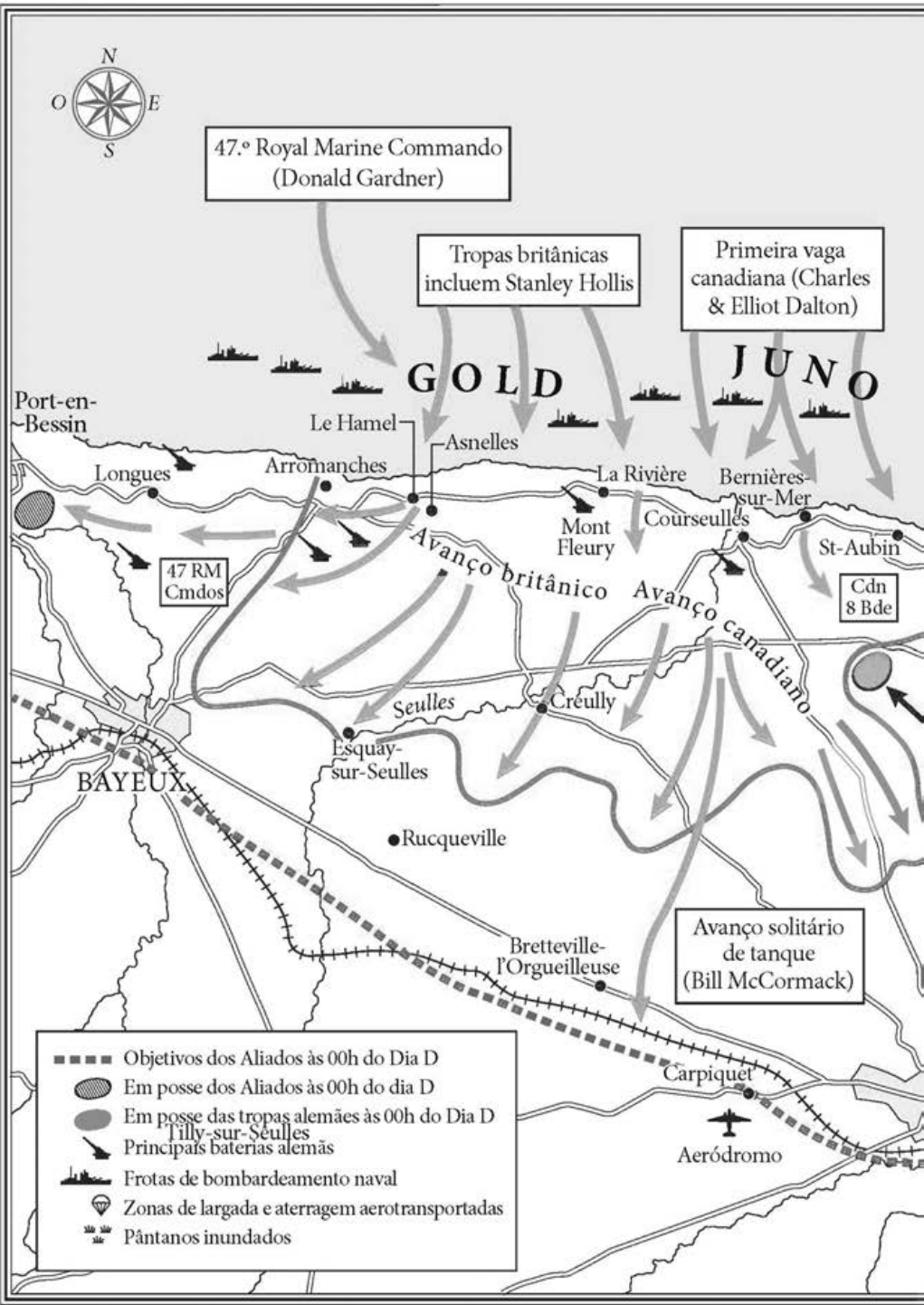
Bretteville-l'Orgueilleuse

Avanço solitário  
de tanque  
(Bill McCormack)

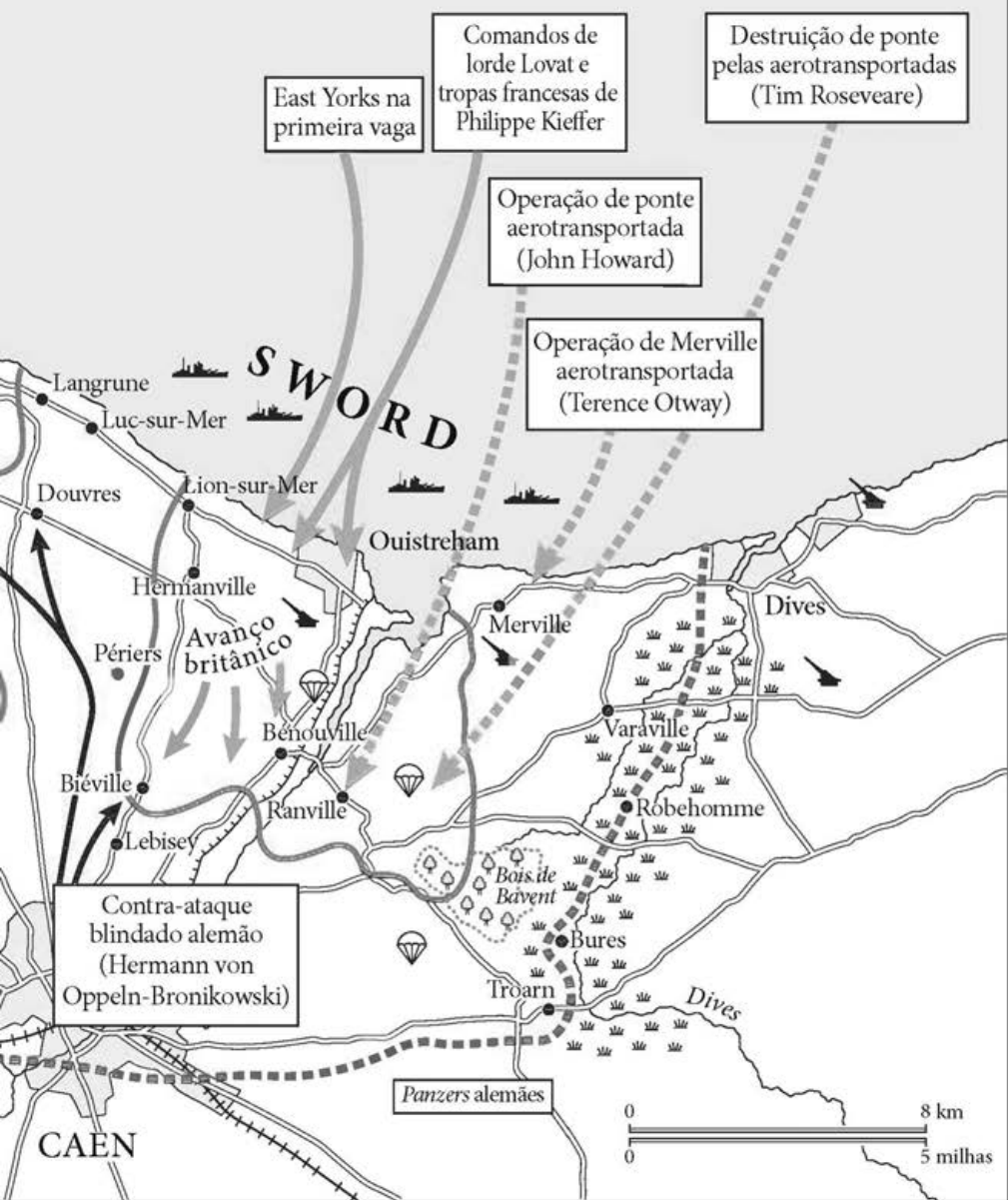
Carpiquet

Aeródromo

- Objetivos dos Aliados às 00h do Dia D
- Em posse dos Aliados às 00h do dia D
- Em posse das tropas alemãs às 00h do Dia D
- Principais baterias alemãs
- Frotas de bombardeamento naval
- Zonas de largada e aterragem aerotransportadas
- Pântanos inundados



## As Praias Britânicas e Canadiana





## PRÓLOGO

O vento aumentara desde a hora de almoço e tornara-se agora um vendaval. Vinha varrido do Canal da Mancha, uma rajada curta e dura que se agarrava às árvores e arrancava as flores do final da primavera. Nos jardins formais da Abbaye aux Dames, a topiaria habilmente aparada fora batida até restar apenas um emaranhado.

Durante nove longos séculos a abadia pairara sobre o horizonte de Caen, no norte da França, um monumento inquieto à devoção e ao poder. Lar de canonisas e freiras, santos e pecadores, as suas irmãs tementes a Deus atravessavam os claustros enquanto se dirigiam para as vésperas marcadas para o crepúsculo. Tinham rezado aqui até à revolução, quando as velas foram apagadas e os cânticos se calaram.

Mas agora, na primavera de 1944, a abadia tornara-se o lar de um novo tipo de noviças. Eva Eifler era uma relutante recruta alemã que passara essa tarde tempestuosa de junho a fitar de olhos semicerrados as nuvens a partir de uma das janelas do último andar da abadia. Com o seu vestido engomado e óculos de aro oval, poderia ter sido confundida com uma professora primária ou uma governanta, mas era demasiado tímida para ser a primeira e demasiado jovem para ser a segunda. Com apenas 18 anos, e ainda por cima tímida, ainda se via muito de criança no seu andar desengonçado e no seu sorriso desajeitado.

Fräulein\* Eifler fora enviada para Caen como operadora de rádio da Luftwaffe. O seu trabalho consistia em ouvir mensagens, transcrevê-las para papel e depois enviá-las para serem decodificadas. Era trabalho que exigia uma concentração intensa. «Nada me poderia perturbar.» Estas palavras foram-lhe inculcadas desde o início. «Dois segundos de desatenção ou de interrupção e eu poderia falhar o início de uma mensagem.» Um erro, um pequeno deslize, podia enviar um piloto da Luftwaffe para a sua morte.

Agora, enquanto olhava para o céu na tarde de segunda-feira, 5 de junho de 1944, ficou satisfeita por ver ainda mais nuvens escuras a aglomerarem-se a ocidente. Haveria pouca atividade aérea nessa noite, o que significava uma noite sossegada de trabalho. Era uma rara boa notícia. Havia quase um mês que estava a fazer o turno da noite e sofria de cansaço extremo. Não fazia ideia de que eventos fora do seu controlo estavam prestes a virar o mundo do avesso.

A vida de Fräulein Eifler dera a sua primeira reviravolta indesejada no ano anterior, ao ser recrutada para o obrigatório Serviço Nacional do Reich, pondo um fim abrupto à sua educação. Pouco tempo depois, com apenas 17 anos, fora enviada para uma academia de treino no porto costeiro de Danzig, onde aprendera a transmitir telegramas militares em código Morse. Uma vez fluente, recebeu ordens para fazer as malas e preparar-se para uma nova vida em França — vida na qual a sua lealdade era para com a Luftwaffe e o seu dever para com o Estado nazi.

Mostrou-se angustiada com a perspetiva de ser arrancada à família e confessou sentir-se «muito nervosa por abandonar pela primeira vez os meus pais». A vida era muito feliz em casa. Mas ela não tinha voto na matéria. Depois da mais breve das despedidas, foi transportada para um mundo no qual a família e os amigos já não tinham lugar. Nunca se sentira tão sozinha em toda a sua vida.

---

\* Menina, em alemão, no original. [N. T.]

Mas não estava inteiramente sozinha. Partilhava o seu alojamento na Abbaye aux Dames com quatro outras jovens que também trabalhavam para a Luftwaffe. As cinco adolescentes passavam a maior parte do seu tempo juntas, mais por solidariedade do que por amizade, pois era perigoso andarem sozinhas numa cidade cuja população era abertamente hostil. Tentavam evitar «até mesmo as mais breves interações com os civis», para que nenhuma conversa pudesse ser mal-entendida. A única exceção eram os seus contactos com a filha do padeiro local, uma rapariga bondosa que lhes trazia «bolachas de chocolate em forma de barco».

Se as circunstâncias fossem diferentes, a Abbaye aux Dames poderia ter sido um belo sítio para viver: um convento beneditino palaciano fundado por Matilda da Flandres. Nos dias mais luminosos da primavera, o sol derramava luz líquida através do vidro laminado das janelas e dançava alegremente nas paredes e nos soalhos. Mas a vida profissional das raparigas era passada num *bunker* subterrâneo designado por R618; ficava no centro da cidade, bem fundo por baixo da Place Gambetta. O R significava *Regelbau* — um de centenas de *bunkers* de «*design* estandardizado» construídos em betão fortemente reforçado. Seguro e praticamente indestrutível, era um dos principais centros de telecomunicações da Luftwaffe.

Era um sítio sombrio para trabalhar e Fräulein Eifler odiou todos os minutos que lá passou. «O ar era limitado e húmido, a luz era artificial, e o cansaço acumulado da noite deixava-me os olhos a picar. Odiava esta sala em que fui forçada a passar a maior parte da minha vida. Tornara-me uma espécie de robô.» Sentia que a sua vida «estava a ser roubada» pelos nazis. O único momento alegre teve lugar durante uma viagem «fortemente supervisionada» a Paris para reparar os seus óculos partidos. Enquanto lá esteve, gastou as suas economias duramente poupadas num *négligé* cor-de-rosa para a sua noite de núpcias. Era uma compra estranha, visto que não tinha noivo nem pretendente, e surpreendeu-se a si própria ao fazê-la. Até então, a sua

única interação com o sexo oposto fora com os rapazes rudes que circulavam ao redor da sua secretária no *bunker* a fazerem piadas repletas de insinuações.

A noite de segunda-feira, 5 de junho, começara como outra qualquer. Por volta das 19 horas Fräulein Eifler vestiu o seu uniforme azul-acinzentado da Luftwaffe, com o símbolo do relâmpago na parte de cima da manga. Pouco depois, saiu para o trabalho na companhia das outras raparigas, indo a pé da Abbaye aux Dames até à Place Gambetta.

O seu turno começava às 20h00 em ponto. «Cada uma de nós assumiu o seu posto no local de trabalho», disse, sentadas em frente a um painel de controlo ligado ao porto de Cherburgo. Fräulein Eifler sentava-se na ponta da cadeira com auscultadores presos aos ouvidos. Em breve começaria a transcrever a primeira das mensagens a entrar vindas das estações de campanha por toda a Normandia. Aos seus ouvidos, pareciam sempre ser uma algaraviada. «Listas intermináveis de letras e números — A-C-X-L-5-O-W — que não significavam nada para mim.» Assim que cada mensagem era transcrita, entregava-a a um oficial que a levava para ser decodificada na sala ao lado.

Essa noite em particular estava mais sossegada do que o habitual. O tempo piorara e foi dito às raparigas que «não se esperava nem se assinalava nada de anormal». Mas à medida que o relógio se aproximava lentamente da meia-noite, Fräulein Eifler detetou uma mudança no ritmo das mensagens a entrar. «O movimento acelerou subitamente.» Havia uma sensação de urgência. Estavam a chegar mais depressa. A intervalos de poucos segundos. E então, à 01h00 exata, «tudo entrou em erupção».

As mensagens começaram a chegar a uma velocidade estonteante de toda a zona costeira. Algumas vinham da península de Cotentin. Outras, da região campestre a leste da cidade. Vinham do Orne, do Dives e de Sainte-Mère-Église. Fräulein Eifler deu por si «a trabalhar cada vez mais depressa e, assim que acabava, uma mão por trás de mim agarrava imediatamente



no papel». Não tinha tempo de se voltar para trás, nem sequer de pedir um café. «Estava colada à minha mesa, frente a alfabetos emaranhados.»

Perdeu todo a noção do tempo e não fazia ideia de há quanto tempo estava no seu posto. Sabia que estava a acontecer algo de histórico — «podia senti-lo» —, mas não fazia ideia do que estava exatamente a acontecer. «Na minha cadeira, com os auscultadores postos, escrevi; escrevi como uma maníaca. Escrevi até as mãos me doerem.»

Nas primeiras horas da manhã, quando estava à beira de desmaiar de exaustão, sentiu uma mão no ombro. Era um oficial dos fuzileiros navais, que a vinha substituir. O seu turno da noite tinha finalmente terminado.

«O que aconteceu?», perguntou. «É algo de grave?»

«Algo de grave.» Ele repetiu as palavras num tom de voz grave. Depois sentou-se sem dizer mais nada e começou a tomar nota da última mensagem transmitida pelos auscultadores.

Eva Eifler estava esgotada pelo seu trabalho nessa noite. Tinha cãibras nos dedos das mãos e um torcicolo no pescoço. Reparou que as suas quatro amigas pareciam igualmente exaustas. Todas tinham «o mesmo aspeto extenuado, ansioso».

As cinco seguiram em fila para a sala de controlo anexa àquela em que trabalhavam. E foi só então — para sua total perplexidade — que compreenderam o que estava a acontecer. «O espetáculo era incrível. Numa parede, um mapa enorme da costa francesa do Canal da Mancha estava marcado com pequenos marcadores e bandeiras de cores diferentes» — centenas ao todo. Cada bandeira indicava um paraquedista aliado que tinha sido largado no coração da Normandia. As mensagens confusas que Fräulein Eifler tinha estado a transcrever eram os primeiros relatórios dos desembarques aliados.

Um soldado estava à frente do mapa, a acrescentar ou a movimentar bandeiras, consoante as mensagens que iam sendo recebidas. Novas informações chegavam segundo a segundo. Eva sentiu a atmosfera tornar-se tão gélida como um túmulo. «A expressão

nos olhos de toda a gente era tensa. Os gestos eram rápidos e apressados. Mas ninguém gritava.» Oficiais superiores tinham estado a chegar ao longo de toda a noite e a sala era agora um alvoroço de comandantes, muitos deles impecavelmente vestidos com uniformes nazis. Até havia um ou dois generais. Ela nunca tinha visto nenhum antes.

Enquanto ali estava, a olhar para o mapa, sentiu-se subitamente muito assustada. Era, então, este o momento. Este era o *Invasiontag*\* há muito aguardado. Ela nunca imaginara ser uma das primeiras pessoas a saber que o Dia D tinha começado; que os paraquedistas aliados tinham começado a aterrar.

Ficou a olhar para o mapa mais alguns minutos, a tentar assimilar a enormidade do que estava a acontecer. Depois juntou-se às colegas e fizeram o caminho de regresso para o seu alojamento na *Abbaye aux Dames*. «Tentámos reconfortar-nos umas às outras, mas tínhamos apenas perguntas sem respostas.» O céu estava ameaçador, escuro, e os algerozes escorriam chuva. Eva tinha um nó no estômago e sentia-se «estarecida e ansiosa»<sup>1</sup>.

Estava preocupada consigo própria e estava preocupada com a sua família. Mas, acima de tudo, estava preocupada com o que o novo dia iria trazer.

---

\* Dia da invasão, em alemão, no original. [N. T.]

## PARTE I

# CONHECE O TEU INIMIGO

A Operação Overlord fora planeada ao mais ínfimo pormenor, cada minuto do dia contabilizado. Contudo, o sucesso dos desembarques dependeria do conhecimento preciso do terreno, da meteorologia e das defesas alemãs. O reconhecimento aéreo da RAF fornecera muitas informações sobre as defesas costeiras, mas informações mais detalhadas exigiam missões de comandos clandestinas às praias da Normandia.

A resistência francesa trabalhou arduamente para reunir informações atualizadas sobre as defesas costeiras e os movimentos de tropas. A secção do Calvados da Organisation civile et militaire usou equipamento proibido de transmissões para enviar informações diretamente aos planeadores do SHAEF em Inglaterra.

As redes da resistência, conhecidas por «circuitos», esperavam uma emissão de rádio em código que as informaria da iminência dos desembarques e de que as operações de sabotagem deveriam começar.

As forças alemãs na Normandia — o 7.º Exército — faziam parte do Grupo B do Exército, comandado pelo marechal de campo Erwin Rommel. A sua recém-reforçada Muralha do Atlântico contava majoritariamente com recrutas e Osttruppen (tropas dos territórios soviéticos ocupados) de lealdade duvidosa. A 21.ª Divisão Panzer estava também sob a sua autoridade, mas duas divisões adicionais de blindados apenas podiam ser libertadas para Rommel por ordem de Hitler.



*O marechal de campo Erwin Rommel inspeciona as defesas costeiras da Normandia. «É aqui que os Aliados irão desembarcar», antecipou.*

## ATRÁS DAS LINHAS INIMIGAS

George Lane olhava para a sua vida tal como um jogador profissional poderia olhar para um jogo de *poker*: algo para se jogar com nervos de aço, uma pitada de coragem e a disposição para ganhar ou perder tudo.

A sua propensão para o risco levava-o a alistar-se nos comandos; também o levava a oferecer-se para uma missão clandestina perigosa com o nome de código Operação Tarbrush X. Na segunda semana de maio de 1944, Lane iria introduzir-se clandestinamente na França ocupada pelos nazis, usando a cobertura da escuridão para remar até terra num bote de borracha negra. A sua missão era investigar um novo tipo de mina que os alemães estariam a instalar nas praias da Normandia.

Lane tinha o aspeto do aventureiro britânico por excelência, cujo ar bem-parecido não destoaria nas grandes coutadas escocesas. O seu cabelo estava penteado à moda de um jovem Cary Grant com um risco ao meio feito de modo cuidadosamente preciso. Mas aí terminavam as semelhanças. O seu olhar era mais frio do que qualquer ator conseguiria representar e estava imbuído de um rígido sentido de propósito. Lane contaria mais tarde as suas aventuras num sotaque inglês de tal clareza que quase soava falso. Havia boas razões para isso. Era, na verdade, húngaro — o seu nome verdadeiro era Dyuri Lanyi —, e os seus anos formativos haviam sido passados como membro da equipa húngara de polo aquático.

Instalara-se na Grã-Bretanha quase uma década antes e tinha-se oferecido para o regimento dos Grenadier Guards quando a guerra rebentou. Mas os seus modos estrangeiros e origem centro-europeia tinham levado os funcionários do Home Office a dar-lhe ordem de deportação. Só a ação veloz dos seus contactos em altos cargos conseguira reverter a ordem.

«Absolutamente inglês em termos de perspetiva e mentalidade.» Assim clamou o seu mentor, Albert Baillie, deão da Capela de São Jorge, no Castelo de Windsor, que acrescentou que Lane tinha «uma capacidade de génio para se dar com as pessoas»<sup>1</sup>. Tanto melhor, pois iria precisar de todo esse génio nas semanas que antecederam o Dia D.

O desprezo que recebera dos burocratas de Whitehall poderia tê-lo afastado de vez da causa aliada. Em vez disso, galvanizou a sua teimosia. Em 1943 alistou-se na X-Troop, uma unidade de comandos de elite liderada pelos britânicos, composta por cidadãos estrangeiros cujos países haviam sido invadidos pelos nazis.

Uma vez aceite neste esquadrão poliglota, recebeu uma identidade falsa e uma história inventada. Também lhe foi permitido escolher um pseudónimo. Ele elegeu Smith, porque era tão inglês como uma chávena de chá. «Não seja palerma», foi a resposta de Bryan Hilton-Jones, o comandante imperturbável da X-Troop. «Nem sequer o consegue pronunciar na perfeição.»<sup>2</sup> Era uma afirmação injusta — o inglês de Lanyi era quase demasiado perfeito —, mas Hilton-Jones não se podia dar ao luxo de correr riscos. Mandou-o contentar-se com Lane (anglicização de Lanyi) e fingir ser galês, para poder explicar os escorregões pontuais do seu sotaque artificialmente aparado.

Na segunda semana de maio de 1944, Lane recebeu informações detalhadas sobre a sua missão. Hilton-Jones disse-lhe que uma nova mina alemã fora descoberta durante um raide de bombardeamento da RAF. Um *Spitfire* largara inadvertidamente uma bomba nos bancos de areia do norte de França, desencadeando uma série de detonações espetaculares. Foi por pura sorte que as explosões foram apanhadas nas imagens de reconhecimento, pois

permitiram aos analistas avaliá-las. Eles mostraram-se preocupados por os nazis terem desenvolvido «uma espécie de mina nova»<sup>3</sup> que podia ser detonada a toda a extensão de uma zona marítima. A película era demasiado granulosa para revelar o mecanismo de funcionamento da mina, mas era evidente que tal arma representava uma ameaça potencialmente catastrófica aos planeados desembarques aliados.

Hilton-Jones sabia que apenas existia uma maneira de descobrir mais — enviar um homem a terra. Para esse efeito, começou a planear um roubo audaz, que exigiria movimento furtivo, coragem e uma dose extra de bravata.

O plano consistia no seguinte: um barco-torpedo a motor escoltaria Lane e três camaradas pelo Canal da Mancha. Remariam em seguida para terra num pequeno bote negro. Uma vez lá, dois dos homens ficariam com o bote enquanto os outros dois rastejariam praia acima, fotografariam a mina com uma câmara de infravermelhos e depois retirar-se-iam rapidamente. Se tudo corresse bem, estariam de volta a Inglaterra a tempo do pequeno-almoço.

Mas também havia a possibilidade de tudo correr mal. Nesse caso, as consequências seriam de facto sinistras. A Ordem de Comandos de Hitler ditava que todos os comandos capturados fossem executados. Por si só isso já era aterrorizador, mas, antes de serem abatidos, Lane e companhia seriam certamente torturados pela Gestapo, cujos agentes estavam desesperados por obter informações sobre quando e onde os desembarques aliados poderiam ter lugar.

A maioria dos homens teriam pesado os prós e os contras ao ser-lhes pedido que participassem numa missão tão mortífera, mas Lane deu a mesma resposta sem hesitações que dera quando Hilton-Jones lhe perguntara pela primeira vez se gostaria de ir para os comandos. «Pode ter a certeza de que sim!»<sup>4</sup>

A operação Tarbrush X fora marcada para 17 de maio, quando a lua nova prometia uma escuridão quase total. Lane escolheu um sapador chamado Roy Wooldridge para o ajudar a fotografar

as minas, enquanto dois oficiais, o sargento Bluff e o cabo King, ficariam na costa com o bote. Os quatro eram destemidos e altamente treinados. Todos os quatro estavam confiantes no sucesso.

A missão começou muito bem. Os homens foram transportados pelo Canal no barco-torpedo a motor e depois transferidos para o bote negro de borracha. Remaram até terra e desembarcaram sem serem detetados exatamente à 01h40. Os elementos estavam do seu lado. A chuva caía em lençóis líquidos e uma forte ventania em terra borrifava de água gelada toda a praia. Para as sentinelas alemãs que patrulhavam a costa, a visibilidade era quase nula.

Os quatro comandos separaram-se então, conforme planeado. Bluff e King ficaram com o bote, enquanto Lane e Wooldridge se arrastaram pela areia molhada. Encontraram as minas recém-instaladas a poucas centenas de metros na praia e Lane puxou da câmara de infravermelhos. Mas, assim que tirou a primeira fotografia, a câmara emitiu um clarão de luz. A reação foi imediata. «Ouviu-se uma exclamação em alemão que, no espaço de dez segundos, foi seguida por um grito que parecia vir de alguém que tinha sido esfaqueado.»<sup>5</sup> Pouco depois, três tiros de espingarda ricochetearam pela praia.

Foi o sinal para uma exibição de fogo de artifício como nenhuma outra. Os alemães dispararam dois tipos diferentes de foguetes para iluminar toda a praia e começaram em seguida a disparar loucamente para a chuva que caía, incapazes de determinar onde os intrusos se escondiam.

Lane e Wooldridge enterraram-se mais fundo na areia ao tentarem evitar as balas, mas continuavam desesperadamente expostos e deram por si apanhados num feroz tiroteio. Duas patrulhas inimigas tinham aberto fogo e tornou-se rapidamente aparente que estavam a disparar uma sobre a outra. «Podíamos ter achado graça», disse Lane depois do incidente, «se nos sentíssemos mais seguros.»<sup>6</sup>

Eram quase 3h da manhã quando o tiroteio terminou e as lanternas alemãs foram finalmente desligadas. O sargento Bluff



e o cabo King estavam convencidos de que Lane e Wooldridge estavam mortos, mas deixaram o bote para os seus antigos camaradas e prepararam-se para nadar a distância até ao barco-torpedo. Acabaram por trepar a bordo, enlameados e gelados, e foram levados de regresso a Inglaterra. Acabariam por ter o seu pequeno-almoço quente.

George Lane e Roy Wooldridge enfrentavam um pequeno-almoço bastante menos apetitoso. Fizeram sinais de luzes em direção ao mar, esperando atrair o barco-torpedo a motor, e de seguida emitiram uma luz vermelha contínua com a esperança de atrair a atenção. Mas não chegou nenhuma resposta. Enquanto rastejavam de bruços ao longo da linha de costa, perguntando-se o que fazer, tropeçaram no pequeno bote. Lane verificou as horas. Estavam a uma hora da alvorada, tempo insuficiente para se afastarem, e a ventania do Atlântico açoitava o mar até restar apenas um frenesi de cristas e fundos. Não era o tempo ideal para atravessar o Canal da Mancha num bote do tamanho de uma banheira.

«A tremer nas nossas roupas encharcadas, tentámos manter o ânimo discutindo a possibilidade de enviarem um hidroavião *Catalina* para nos encontrar e levar para casa.» Wooldridge deu uma olhada ao seu relógio e fez notar ironicamente que era naquela data que deveria ter partido em lua de mel. Lane riu-se do absurdo de tudo. «Ali estava ele, o desgraçado, comigo num bote.»

Quaisquer esperanças de serem salvos por um hidroavião foram rapidamente deitadas por terra na hora antes da madrugada. À medida que a cidade costeira de Cayeux-sur-Mer se afastava cada vez mais, Lane reparou subitamente num ponto no mar que aumentava de tamanho a cada segundo. Era uma lancha a motor alemã e aproximava-se a alta velocidade. Ele e Wooldridge deitaram imediatamente a bordo fora o seu equipamento mais incriminador, incluindo a câmara, mas guardaram os seus revólveres e munições. Lane estava a considerar um plano

ousado: «sairmos a disparar, dominar a tripulação e roubar-lhes o barco.»<sup>7</sup> Mas quando os seus perseguidores alemães começaram a circundar o bote, Lane percebeu que o jogo acabara. «Demos por quatro ou cinco metralhadoras Schmeisser a apontar ameaçadoramente para nós.» Os dois atiraram as pistolas ao mar e «com um gesto bastante teatral, erguemos as mãos ao alto»<sup>8</sup>.

Foram imediatamente presos e levados de regresso a Cayeux-sur-Mer, ziguezagueando cuidadosamente por entre as águas da maré. Lane não queria acreditar. Só nessa altura compreendeu que tinha navegado o bote pelo meio de um enorme campo de minas sem sequer perceber que ele existia. «Foi uma sorte inacreditável não termos sido reduzidos a pedaços.»

Os dois homens receram pelas suas vidas. Foram separados ao desembarcarem e Lane foi levado para uma cave sem janelas, «muito húmida e fria». As suas roupas estavam encharcadas e tiritava com frio. Também precisava de alimento, pois não tinha comido desde que saíra de Inglaterra.

Não levou muito tempo até um oficial da Gestapo lhe fazer uma visita. «Claro que sabe que teremos de o fuzilar», ouviu, «porque é obviamente um sabotador, e temos ordens muito rígidas para matar todos os sabotadores e comandos.» Lane fingiu-se desafiado, dizendo aos seus interrogadores que matá-lo seria uma péssima ideia. O oficial limitou-se a fazer má cara. «O que estavam a fazer?»

Lane e Wooldridge tinham arrancado as insígnias de comandos e paraquedistas das fardas ainda na água, cientes de que tais insígnias os condenariam a uma execução sumária. Também tinham acordado uma história para explicar a situação difícil em que se encontravam. Mas tais precauções provaram ser em vão. O interrogador alemão examinou a farda de Lane e disse-lhe que «podia ver onde as insígnias tinham estado». Lane sentiu o seu primeiro arrepio de medo. «Eles sabiam que éramos comandos.»

O seu interrogatório piorou quando a Gestapo exigiu informações sobre os desembarques aliados, que sabiam estar iminentes. «Passaram o tempo a ameaçar-me e eu passei o tempo

a responder: “Desculpem, não vos posso dizer nada de importante porque não sei nada de importante”.»<sup>9</sup> Recusaram-lhe comida e água — o preço a pagar pelo seu silêncio — e enfrentou perguntas cada vez mais agressivas. Só ao cair da noite o interrogatório terminou. Foram trancados em celas separadas e prepararam-se para uma noite sem dormir.

Lane recebera instrução em guerra psicológica e manteve a sua clareza de propósitos. Com o Dia D iminente, era imperativo que ele e Wooldridge conseguissem escapar. Na completa escuridão, apalpou o terreno ao longo da cave e descobriu que o cano da chaminé estava preso à parede com um pedaço de fio metálico. Desenganchou o fio, deu-lhe forma e depois inseriu-o na fechadura da cela. Depois de um momento de atrapalhão, ouviu um clique e a porta abriu-se. Não era sem fundamento que os comandos eram conhecidos como sendo de elite.

O corredor estava completamente às escuras. Lane foi andando aos apalhões usando as paredes como guia, mas, ao fazê-lo, tropeçou numa sentinela alemã deitada no chão. «Eu voltava para trás se fosse a si», rosnou o guarda. «Há outra sentinela na esquina.»<sup>10</sup> A sua tentativa de fuga terminara antes de começar.

Lane mantinha-se sempre calmo sob pressão, mas até ele teve o susto da sua vida quando a porta da sua cela foi aberta de madrugada por um médico vestido com uma bata branca. «Pensei, meu Deus, o que vai acontecer agora?» Foi vendado, tal como Wooldridge, e as mãos de ambos foram atadas atrás das costas. Foram em seguida metidos num carro que partiu a alta velocidade. Lane perguntou onde iam. Não obteve resposta.

«Ao recostar-me no assento, compreendi que tinham atado a venda tão justa que eu podia ver por baixo dela, através dos furos de ambos os lados do meu nariz.»<sup>11</sup> Ao contrário do que acontecera em Inglaterra, os alemães não tinham removido os sinais das estradas, pelo que Lane conseguiu apanhar de relance o nome das aldeias que iam passando. «Pouco antes de pararmos, tinha conseguido ver um letreiro que dizia: La Petite Roche Guyon.»<sup>12</sup>

Partiu do princípio de que este seria o fim da sua jornada; que seria puxado para fora do carro e fuzilado.

Quando o carro militar alemão parou numa entrada privada, as portas abriram-se e a venda de Lane foi retirada por uma das sentinelas. Quando olhou para cima, piscou os olhos, sem conseguir acreditar. «Meu Deus!», sussurrou para si próprio. «Que sítio estranho! Vejam-me isto!»<sup>13</sup> Um castelo fortificado estava fixado ao rochedo, em tempos um reduto feudal, cujos senhores do Século das Luzes o tinham convertido num palácio de prazeres do século XVIII. O afloramento vertical por trás era coroado por uma torre de menagem medieval, a torre original, enquanto o castelo em si estava repleto de ameias e contrafortes. O Château de La Roche-Guyon era o feudo hereditário da dinastia La Rochefoucauld, que aqui se acomodara em pompa e esplendor desde o reinado do ilustre Rei Sol, Luís XIV. O acrescento de uma fachada em arenito ajudara grandemente a aligeirar o seu exterior marcial, mas as cercas de arame farpado e os *bunkers* de betão testemunhavam que este era de novo um edifício militar.

Lane teve pouco tempo para admirar a vista. Ele e Wooldridge foram desviados para o átrio de entrada e levados para duas salas separadas. Quando Lane pensava que a sua manhã não se poderia tornar mais bizarra, surgiu um guarda com uma chávena de chá a esaldar.

A porta da sala onde estava detido fora deixada destrancada, pelo que a abriu e espreitou para fora. «Ali estava o cão de aspeto mais feroz» — um pastor-alemão — «que alguma vez vi na vida.» O cão rosou e foi travado por um guarda. «E eu pensei: mais vale ficar aqui sossegado.»<sup>14</sup>

Lane continuava sem fazer ideia porque tinha sido levado para ali, mas isso estava prestes a mudar. «Ao fim de pouco tempo, um oficial muito elegante entrou e, para meu espanto, apertou-me a mão.» O oficial falava inglês com um sotaque tão afiado como uma lâmina. «Como estão as coisas em Inglaterra?», perguntou. «É sempre tão bonita nesta altura do ano, não é?»<sup>15</sup>

Lane beliscou-se à medida que este mundo de Alice no País das Maravilhas se tornava cada vez mais estranho. Uma pontada de fome trouxe-o de volta à realidade: disse ao oficial que não comia nada há quase quarenta e oito horas. O alemão pediu imensas desculpas e mandou imediatamente vir comida: sanduíches de galinha e café acabados de fazer. «Perfeitamente maravilhoso», pensou Lane. O seu ânimo melhorava a cada minuto.

Enquanto comia, o oficial voltou-se para ele e perguntou: «Tem consciência de que está prestes a conhecer alguém muito importante?»

Lane encolheu os ombros. Já nada mais o poderia surpreender.

«Preciso de ter a sua garantia», disse o alemão, «de que se vai comportar com a maior das dignidades.»

Lane repreendeu audaciosamente o oficial, dizendo-lhe que «sou um oficial e um cavalheiro e não me sei comportar de outro modo». Mas fez então uma pausa, pois a sua curiosidade fora espicaçada, e perguntou. «E quem vou eu conhecer?»

O oficial endireitou-se um pouco ao dar a resposta. «Vai conhecer Sua Excelência, o marechal de campo Rommel.»

Lane sentiu que tinha levado um murro inesperado. Rommel, a *Wüstenfuchs* ou «Raposa do Deserto», era um dos titãs do Terceiro Reich, o general aparentemente invencível que obtivera uma série de vitórias no Norte de África antes de encontrar a sua némesis na forma do general Montgomery. Vencido nas areias quentes do deserto, mas ainda adorado pelas suas tropas, fora condecorado pelo Führer com a maior de todas as honras: a Cruz de Cavalaria com Folhas de Carvalho, Espadas e Diamantes. Havia quem murmurasse que os seus melhores dias já tinham ficado para trás, mas ele recebera ainda assim o comando do Grupo B do Exército, defensor da linha costeira do norte de França. O Château de La Roche-Guyon era o seu quartel-general operacional.

«Estou encantado», disse Lane ao seu oficial, «porque no Exército Britânico temos uma grande admiração por ele.»<sup>16</sup> Era verdade: o seu comportamento durante a campanha do Norte de África valera-lhe uma reputação de jogo limpo e cavalheirismo.

Lane ficou tão entusiasmado com a perspectiva de conhecer Rommel que se esqueceu de todos os medos da sua provável execução. Ficou intrigado por ir estar frente a frente com o homem cuja missão era garantir que a invasão aliada de França falhasse.

O oficial sugeriu que se limpasse assim que tivesse terminado a última das suas sanduíches. Lane era o primeiro a admitir que estava «bastante imundo», mas até ele ficou espantado quando lhe deram uma lima de unhas e lhe pediram para retirar a sujidade das unhas. Uma vez terminada a manicura, foi conduzido pelos corredores do castelo até à biblioteca. Seria aí que o seu encontro com o marechal de campo Rommel teria lugar.

O sumptuoso interior do castelo deixou Lane sem fôlego. A dinastia Rochefoucauld vivia numa bolha de opulência, com uma arca de tesouros adquiridos (ou pilhados) ao longo dos séculos por uma sucessão de condes e duques macilentos. Tapeçarias de Gobelin debatiam-se com troféus de caça, e retratos de senhores ilustres povoavam as paredes do Salão dos Antepassados. Também aqui o duque François de La Rochefoucauld — célebre autor de máximas de bochechas gordas — observava os convidados através de múltiplas camadas de verniz enegrecido pelo fumo.

Lane foi conduzido para a biblioteca em galerias, onde o seu olhar foi imediatamente atraído pela figura sentada a uma escrivaninha na outra ponta da sala. Era o marechal de campo Rommel, com os seus olhos glaciais e o seu queixo fendido. Exibia a sua expressão tradicional de impaciência.

Lane ouvira histórias sobre como Rommel gostava de enervar os seus visitantes fazendo-os «percorrer todo o comprimento de uma sala», uma forma de leve tortura psicológica que realçava a sua própria estatura enquanto diminuía a do seu convidado. Mas nesta ocasião, «levantou-se imediatamente, veio na minha direção, fez sinal para uma mesa redonda a um lado da sala e disse *Setzen Sie sich*» — «sente-se». Lane, que falava alemão perfeitamente, fingiu não compreender: dar-lhe-ia mais tempo para evitar responder às perguntas que lhe iriam certamente fazer.

Vários outros oficiais de alta patente juntaram-se-lhe à mesa, incluindo o general Hans-Georg von Tempelhoff (chefe do Estado-Maior do Grupo B do Exército) e o capitão Helmut Lang (ajudante de campo de Rommel). Uma vez todos sentados, Rommel voltou-se para falar com Lane. «Então é um desses *gangsters* dos comandos, não é?»

Lane esperou que isto fosse traduzido para inglês antes de fingir indignação. «Por favor, transmita a Sua Excelência que não compreendo o que ele quer dizer por *gangsters* dos comandos. Os *gangsters* são *gangsters*, mas os comandos são os melhores militares do mundo.»<sup>17</sup>

Rommel pareceu apreciar a resposta, pois um breve sorriso atravessou-lhe o rosto. «Talvez não seja um *gangster*», respondeu, «mas tivemos algumas experiências muito más no que diz respeito aos comandos.»

Isso era verdade. Ao longo dos meses anteriores, os camaradas comandos de Lane na X-Troop tinham encenado uma série de raids toca-e-foge na linha costeira de França. Mas Lane dificilmente iria admitir tais atividades. Disse que tinha dificuldade em acreditar no que estava a ouvir do marechal de campo.

«Compreende que foi feito prisioneiro sob circunstâncias muito estranhas?», continuou Rommel.

Lane discordou da escolha de palavras. «Não diria que foram *estranhas*», disse. «Antes lastimáveis e infelizes.»<sup>18</sup>

«Sabe que está numa situação muito grave.» Esta simples declaração foi seguida por um olhar penetrante — Rommel acusava-o de ser um sabotador. Lane pensou nisto um momento antes de se lançar numa atitude perigosa de bravata. «Se o marechal de campo achasse que eu era um sabotador», disse, «não me teria convidado para vir aqui.»

Até Rommel se mostrou surpreendido pela ousadia da resposta de Lane. «Então acha que isto foi um convite?»

«Naturalmente, sim, e recebo-o com grande honra. Estou encantado por estar aqui.»

Lane estava a jogar os seus trunfos de forma imprudente, ciente (como o reitor de Windsor notara) do seu temperamento para se dar bem com as pessoas. Sabia estar a meio caminho de ganhar o jogo quando o rosto traçoeiro de Rommel se abriu num largo sorriso. O gelo quebrara-se e a conversa tornou-se então em algo mais próximo de uma conversa galhofeira do que de um interrogatório.

«Como está o meu amigo Montgomery?»

«Infelizmente não o conheço», disse Lane, «mas ele está a preparar a invasão, pelo que o vai ver em breve.» Acrescentou que pouco mais sabia de Montgomery do que o que era publicado no *Times*. Como reflexão, disse a Rommel que era um excelente jornal. «Acho que o devia ler.»

Rommel estava a começar a gostar do jogo. «E leio», disse. «Recebo-o de Lisboa.»

«Então, vai ver que ele está a preparar a invasão e que eles vêm para cá em breve para lutar consigo.»

Rommel escarneceu. «Seria a primeira vez que os ingleses travam uma batalha.»

«Ora essa!», gaguejou Lane, ofendido. «Então e o que aconteceu em El Alamein?»

«Isso não foram os ingleses», respondeu Rommel. «Os ingleses arranjam sempre outras pessoas para lutarem por eles. Os canadianos, os australianos, os neozelandeses, os sul-africanos.»<sup>19</sup> Lane — um judeu húngaro que combatia pelos britânicos — mal conseguiu manter-se sério.

Rapidamente Rommel regressou ao tema dos desembarques aliados, perguntando a Lane onde achava que os soldados iriam desembarcar. Lane retorquiu que apenas era um oficial subalterno: não tinha acesso aos planos da invasão. «Se fosse eu a decidir», disse, «escolheria provavelmente a travessia mais curta.»<sup>20</sup>

Rommel fez que sim com a cabeça e depois pronunciou uma opinião que apanhou Lane de surpresa. «A grande tragédia é que os britânicos e os alemães estão a lutar entre si, em vez de combinarem as suas forças para lutarem contra o verdadeiro inimigo, que são os russos.»



Lane respondeu criticando o tratamento dos judeus pela Alemanha nazi. «Abominamos o modo como os tratam.»

«Ah, bem», disse Rommel. «As pessoas têm ideias diferentes sobre tudo. É impossível falar disso.»

Houve uma longa pausa e Lane depreendeu que o interrogatório estava a terminar. Estava determinado a prolongá-lo, pois estava a achá-lo fascinante. «Eu estava a divertir-me tremendamente, pelo que perguntei ao intérprete se, como o marechal de campo me tinha feito tantas perguntas, me seria permitido poder fazer algumas.»

Rommel troçou da sua impertinência, mas anuiu.

«O que eu gostaria de saber era isto», perguntou Lane, «a França está a ser ocupada por vocês. Como é que os franceses reagem a serem ocupados?»<sup>21</sup>

A pergunta foi a deixa para o que Lane descreveria como «a mais notável das dissertações» sobre o exército ocupante, com Rommel a explicar concisamente como a Alemanha trouxera à França liderança e ordem. «O povo francês», declarou, «nunca estivera tão contente e tão bem organizado.»<sup>22</sup>

«Valha-me Deus!», exclamou Lane. «Adoraria ver isso!»

«Pode vê-lo em pessoa», disse Rommel, «enquanto viaja por França.»

Lane riu-se com desdém. «Sempre que viajo com os seus rapazes, eles vendam-me e atam-me as mãos atrás das costas.» Rommel voltou-se então para Lang, o seu ajudante de campo, e perguntou se isso era absolutamente necessário.

Lang assentiu com a cabeça. «Oh, sim», disse. «São gente muito perigosa.»<sup>23</sup>

Estas palavras sinistras assinalaram o fim da entrevista. O encontro terminara. Lane mostrou-se impecavelmente cortês até ao fim, agradecendo ao marechal de campo o seu tempo. Esperava obter uma suspensão da execução, mas assim que saiu voltou a ser vendado. Ele e Wooldridge foram em seguida levados a alta velocidade para o quartel-general da Gestapo em Paris, onde chegaram ao princípio da noite. «Fiquei aterrorizado quando percebi

onde estava», admitiu Lane, que ficou ainda mais aterrorizado ao ouvir os gritos dos prisioneiros a serem torturados.

Mas o seu próprio interrogatório pela Gestapo foi realizado de modo tão moroso que não conseguiu impedir-se de perguntar se Rommel «intercedera a nosso favor e impedira que tanto o Roy como eu fôssemos executados»<sup>24</sup>. Na verdade, não foi fuzilado nem torturado. Em vez disso, foi enviado para o Oflag 9/AH, um campo de prisioneiros de guerra na Alemanha Central.

Enquanto Lane e Wooldridge eram transportados para Paris, Rommel regressou à sua escrivania incrustada do Renascimento — a mesma onde fora assinada a Revogação do Édito de Nantes de 1685 — e escreveu uma carta à sua querida mulher, Lucie-Maria. Falou-lhe da sua extraordinária entrevista com um «sensato oficial britânico»<sup>25</sup> cujo charme e bravura lhe haviam poupado a vida.

Aqueles mais próximos de Rommel não se mostraram surpreendidos pela generosidade do marechal de campo para com os seus prisioneiros. «Ele respeitava um código de cavalheirismo que se tornara estranho nos nossos tempos.» Assim pensava Hans Speidel, o seu chefe do Estado-Maior, que acrescentou que o comportamento de Rommel era «visto por muitos como sinal de fraqueza»<sup>26</sup>. Mas era também uma demonstração privada de força. Ao salvar George Lane da execução, Rommel estava a infringir diretamente a Ordem dos Comandos de Hitler.

Nas suas cartas diárias para Lucie-Maria, Rommel contava-lhe todas as intrigas quotidianas em La Roche-Guyon. «*Meine liebste Lu*»\*, começava, antes de contar histórias dos seus queridos cães, *Treff* e *Ebbo*, das suas caçadas ao javali selvagem com o duque simpatizante nazi, e do facto de a primavera ainda não ter chegado ao vale do rio Oise.

«O tempo ainda está frio», escreveu nessa mesma noite de maio, «e finalmente chove. Os britânicos vão ter de ter um pouco

---

\* «Minha querida Lu», em alemão, no original. [N. T.]

mais de paciência.»<sup>27</sup> Não fazia a mínima ideia de quando os Aliados poderiam chegar e o seu interrogatório a Lane não lhe dera nada a que se agarrar. Mas tinha um palpite sobre *onde* poderiam chegar. Discordava da alegação de Lane de que desembarcariam no Pas de Calais. As baterias de canhões e as defesas de praia do Cap Gris Nez eram tão impressionantes que qualquer ataque terminaria numa chacina. «De certeza que não irão desembarcar ali»<sup>28</sup>, disse ao jornalista Lutz Koch.

Tinha cada vez mais a certeza de que desembarcariam na Normandia, nas costas do Calvados, onde as amplas areias criavam uma zona de desembarque perfeita tanto para a infantaria como para a artilharia. Durante uma inspeção da longa praia de Saint-Laurent-sur-Mer, voltara-se para o oficial responsável, o major Werner Pluskat, e dissera: «Pluskat, em minha opinião, é exatamente aqui que os Aliados irão desembarcar. É precisamente o tipo de local que os Aliados vão escolher. Foi o que fizeram em Itália.»<sup>29</sup>

Nisto, como em tantos dos seus palpites militares, Rommel provaria estar certo. Os Aliados tinham, de facto, escolhido esta praia como uma das suas cinco praias de desembarque. Deram-lhe o nome de código Omaha.



*Os obstáculos na praia na costa da Normandia eram uma parte crucial da Muralha do Atlântico. Vemos na imagem soldados alemães à procura de abrigo enquanto um avião de reconhecimento aliado os sobrevoa.*

## A HISTÓRIA DO DIA MAIS LONGO, CONTADA POR AQUELES QUE O VIVERAM.

O mundo mudou na fria manhã do dia 6 de junho de 1944, quando 156 mil homens, 7 mil navios e 20 mil veículos blindados partiram rumo à batalha que marcaria o início do fim da Segunda Guerra Mundial. Giles Milton, autor *bestseller*, revela-nos histórias de heroísmo individual num livro apaixonante onde relata os acontecimentos do Dia D — o desembarque das forças aliadas nas praias da Normandia, em França — através das palavras daqueles que lá estiveram nesse dia: aliados, alemães e franceses.

«Inspirador e comovente em igual medida, esta é história escrita na sua forma mais poderosa.»

*Evening Standard*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
penguinlivros

ISBN 9789897873492



9 789897 873492 >